

## CADEIRA N.º 4

*Patrono:* Antônio Bezerra

*Vaga:* Transferência do Ac. Raimundo Girão para a Cadeira 21

*Recipiendo:* Moreira Campos

*Recipiendário:* Milton Dias

*Data da posse:* 10 de outubro de 1966

JOSÉ MILTON DE VASCONCELOS DIAS. Em 29 de abril de 1919 e filho de Pedro Dias Ximenes e Maria Iracema de Vasconcelos, nasceu na cidade do Ipu. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará em 1943. Professor no Ceará e em São Paulo. Diplomado em Língua Francesa e em Estudos Superiores Modernos pela Aliança Francesa de Paris. Técnico de Administração da Universidade Federal do Ceará, de cujo Curso de Letras, Centro de Humanidades, é Professor Titular, ensinando Literatura Francesa. Cronista festejado. Publicou: *Sete Estrelo* (1960); *A Ilha do Homem Só* (1966); *As Cunhãs* (1966); *Entre a Boca da Noite e a Madrugada* (1972); *Cartas sem Resposta* (1974); *Viagem ao Arco Iris* (1974), em colaboração com Cláudio Martins, fazendo este a parte de Poesia. Condecorado pelo Governo Francês com a Medalha das Palmas Acadêmicas.

---

### *Moreira Campos*

Queremos cuidar aqui (e, cremos, não haveria outro cuidado) do Milton Dias, poeta imanente, dono de profunda ternura humana no trato de todas as figuras a que a sua arte dá vida. Mais que isso — já que essa mensagem terna ou lírica também é presente no gizar de uma paisagem ou no evocar daquele chão por onde espalhou a sua infância ou deixou possíveis pedaços de sua adolescência. E, a esta altura, referimo-nos objetivamente ao chão de Massapê, a sua querida cidade — Massapê, que já não será apenas um quadro na parede, como no verso de Carlos Drummond de Andrade, mas um painel na alma, um permanente e talvez magoado painel.

Essa conjunção de valores, de logo, assegura à crônica (em que é mestre) o prestígio de efetivo gênero literário, no que pese ao julgamento de alguns, até certo ponto, diga-se de passagem, procedente, se atentarmos, na origem, para a leveza e o efêmero dessa espécie de realização literária, que mais nasce do cotidiano. Entendemos, entretanto, que a perenidade de uma obra não está na razão direta desse ou daquele gênero, senão nas virtudes ou qualidades integrais que informam a alma do artista. Então, não há cogitar de crônica, conto, novela, romance ou poesia. Existirá apenas o artista. Dele, e somente dele, é que esperamos o milagre da criação. A assertiva será ainda tanto mais legítima quanto, evidente embora a existência dos gêneros literários, ainda não foi possível — mesmo aos críticos mais lúcidos — a delimitação rigorosa (positivamente por que mais complexa) entre, por exemplo, o que venha a ser conto ou novela, e, já agora — considerada a nova dimensão do conto — entre o que venha a ser este e a própria crônica. Dessa invasão de fronteiras nos dá logo conta o acadêmico de hoje, porque em inúmeros dos seus trabalhos não sabemos exatamente onde termina a crônica e se inicia o conto. Tenha-se disso uma amostra no seu livro *Sete Estrelo*, quando evoca a figura autoritária de Seu Otávio, que dirigia a casa sentado numa rede ao canto da sala:

“E, sentado nela, como num trono, feito comandante no leme do seu barco, Seu Otávio, de calça, camisa, suspensório, as mangas arregaçadas, os pés plantados em cima das alpercatas.

Naquela rede foram tomadas as grandes decisões da família. Entre um e outro embalo, Seu Otávio governava a casa, a fazenda, o sítio, a mulher, os filhos, discutia política, falava mal do governo, impunha sua personalidade fabulosa, esmagadora, mostrava a luz e sombra de sua alma, as contradições muito próprias do seu espírito e se revelava totalmente, mostrava-se o homem largo e inteligente que era, homem de muita moral, muita religião, mui-

to temor a Deus e muito amor à família, capaz de rasgos de generosidade, de afeição e solidariedade, capaz de momentos inesperados de incompreensão tremenda.”

Se acolhermos a opinião de Fausto Cunha, penetrante crítico da moderna geração, que diz ser o conto atual um assunto só, um corte único na árvore da vida, sem interferências outras, que mais o encaminhariam para esboços de romance, como foi até ontem da nossa experiência, assunto esse que já se deve impor ao leitor desde o título, dando-lhe um comportamento psicológico, e que poderá versar, na sua sugestão, tanto uma história excepcional como a simples descrição de uma figura — claro se faz que Milton Dias, na sua crônica sobre Seu Otávio, já imprimiu aí o tom, o clima, da história curta.

De resto, todas as suas crônicas são casos, estórias (que já aqui vai com e) a enredar-nos, a envolver-nos, a manter-nos permanentemente presos à linha mágica da narrativa.

Esta — do conto sugestão, obra implícita, explicada e justificada por si mesma, em que nem sempre valha o extraordinário ou extravagante, uma vez que somos suscetíveis em qualquer plano das mais sentidas emoções — tem sido a lição dos mais modernos e expressivos contistas brasileiros, entre os quais Dálcen Trevisan, Osman Lins, Clarice Lispector, que já se inspiram na experiência francesa, alemã, inglesa ou americana, que não é de hoje.

Esse mesmo comportamento nosso no sentido do acolhimento, por assim dizer exclusivo, do artista integral, faz ainda com que consideremos arbitrária a catalogação desse artista nas escolas literárias, a não ser por um critério meramente cronológico. Eis que entendemos possuir o artista pleno um pouco de todas as escolas. Será uma síntese. Clássico aqui, romântico por obrigação, realista por identidade inalienável com a vida e com o homem, desde que não se compreenda o realismo como documento, relatório ou reportagem, senão como ato de supra-realidade ou de recriação artística, o

que importa em aceitar a advertência de Fitzgerald, já por nós referida alhures, segundo a qual só o romântico preserva o essencial, ou melhor dito, aquilo que em verdade deva ser preservado.

Por assim sentirmos é que não encontramos o tempo didático em que se deva incluir, por exemplo, Camões. Será renascentista, porque copiou os modelos greco-romanos, porque se valeu da mitologia (numa fusão, aliás, do cristão com o maravilhoso pagão, o que, surpreendentemente, não foi compreendido pelo próprio Voltaire, quando Dante já o fizera na *Divina Comédia*?) Mas Camões não será necessariamente o coprador de modelos, nem o artista dos deuses. A sua perenidade está na autenticidade de sua lírica ou de sua épica. para as quais não há fronteiras no tempo. Foi antes o artista, como já disse alguém, que quis colocar o mar dentro de um livro... e coube.

Pelo mesmo motivo, não sabemos ainda como inventariar Machado de Assis (o da segunda fase), Eça de Queirós, Dostoievsky, Tolstoi, apenas para citarmos alguns valores tradicionais. Tudo, afinal, parece acomodar-se à conceituação machadiana: “o grande autor é aquele que tem o amor dos frívolos e a estima dos graves”. A inteligência ou não desse princípio é que tem feito a eternidade de poucos e a morte breve de muitos.

Relevai-nos a digressão de tom pretensamente erudito, que nem digressão será a rigor, se se atenta que temos permanecido fiéis à aceitação do artista como valor único, independentemente deste ou daquele gênero e desta ou daquela escola, como será o caso de Milton Dias. É o nosso próprio Braga Montenegro que, reconhecendo embora, na origem — e com razão — o efêmero da crônica, naquele sentido do dia-a-dia, proclama obviamente o valor intrínseco a que aludimos, quando diz em referência ao autor de *A Ilha do Homem Só*:

“São crônicas em geral tão belas, tão sugestivas, tão encantadoramente lisíveis, tão literária-

mente crônica, como as melhores que nesta terra se escreveram, desde Machado e João do Rio até Raquel de Queirós, Rubem Braga ou Sérgio Porto.”

Além de sua presença regular no suplemento literário do jornal *O Povo*, Milton Dias já nos presenteou com três excelentes livros: *Sete Estrelo*, *As Cunhãs* (cujo título já vem tocado de doce ternura) e *A Ilha do Homem Só*. O livro do nosso maior agrado é o primeiro em que todas as suas apuradas qualidades de escritor se equilibram admiravelmente, desde a fina ironia ao achado, à inteligência de certos conceitos; desde a riqueza do seu lirismo à nobreza de sua forma, mesmo quando essa tem um tom matuto, porque ele sabe transferir a linguagem popular para o plano poético. Poderíamos dar-vos, aqui, à guisa de exemplos, pequenas porções dessa riqueza tiradas a um, por assim dizer, inesgotável manancial. Assim, quando nos fala dos amigos: “*se irmãos são amigos que Deus nos deu, os amigos são irmãos que nós mesmos escolhemos*”. A sua crônica “Amigos Novos” é uma página toda ela, trabalhada pela mais penetrante ironia. Refere-se à amizade dos políticos em véspera de eleição, e os caracteriza: “*trabalhadores, salvadores da pátria à beira do famoso abismo*”. Mas não os quer ofender: “*porque gente importante é de natureza muito suscetível*”. Em “Ventura Alheia”, quando aborda o velho tema de velhas conversas, segundo o qual, se possível, desejaríamos tornar a esta vida dentro de outra forma, diz que havia aquele que queria vir como índio, “*mas índio sem nada com o Serviço de Proteção, índio mesmo, de pena, arco, flecha, sem o menor perigo de ser atraído para os encantos, os vícios e as doenças da civilização*”. Na conversa, surgiu também um ceguinho que queria voltar como mulher, explicando-se — diz o autor — com “*intenções nada puras*”. Na sua crônica “Pastoras”, lá está: “*Um amigo a quem eu contava essas histórias de pastoras mergulhava uma recente pena de amor dentro de um copo de uísque e ficou querendo importar pastoras para o Brasil (já que não as temos)*.” “Que-

*ria ter a sua pastora, nem que fosse depois de sete anos, nem que tivesse de servir de pastor a vida inteira."*

Simbolista, ele o é a cada passo. Alude aos pobres, e registra: "*via e vê o mundo sem pára-brisas de automóveis, sem lentes azuis, tão sem nada, a olho nu*".

Lembramo-vos que estão aí apenas amostras colhidas a um mar de flagrantes e achados.

A unidade de tema, de estilo, de comportamento, ao lado daquele riso que, muitas vezes, disfarça a sombra, o trágico chapliniano, é outro aspecto admirável da identidade, da autenticidade de Milton Dias, e essa unidade, essa quase impossibilidade de fuga a si mesmo, presente em toda a sua obra, é que marca o grande autor. Dostoievsky, por exemplo, será uma permanente repetição na profundidade do seu abismo, e já Graciliano Ramos dizia que nada mais tinha a contar, e não queria repetir-se: contara tudo.

Tão fiel a si mesmo é o Acadêmico de hoje que, já se faz dono de expressões que são ele próprio, inconfundíveis, valem como a sua assinatura, tais como: "patrazmente", "de um tudo", "trem de vida", o verbo "punir" no sentido de pugnar, de defender, tomar o partido de alguém.

Se o livro pelo qual mais "punimos" é *Sete Estrelo*, mercê do seu integral equilíbrio, a obra onde o encontramos mais ele mesmo, mais Milton, revelado no gostoso conversador que é, milionário de efeitos, de nuances, de tons inesperados, narrador de casos, observador e anotador de ocorrências; íntimo, mais doméstico e paradoxalmente mais peregrino de andanças cúmplices, é, decerto, *As Cunhãs*, o que, nem remotamente, invalida a beleza e graça de *A Ilha do Homem Só*.

Ele as define — a elas, as cunhãs — em várias acepções no prefácio do livro ou em nota apensa a este. Gostaríamos, todavia, de acolher a cunhã em dois sentidos apenas, como realmente a concebemos e é da nossa experiência, entendimento esse que afinal se confunde com a própria intenção ou mensagem do autor. A cunhã doméstica, cria de casa, nossa irmã de criação, descalça e estabanada; mais tarde — mais prestativa e grave — incorporada em definitivo ao bem patri-

monial da família. Mas antes vos queremos falar da menina cunhã, irmã nossa, castigada conosco, de penitência no canto da sala por malfeito feito, defensora do caçula, quando este levou tabefe do menino da casa vizinha. Enfim — já dissemos — irmã nossa, apenas com esta ponta de diferença: que estudará, com caderno e lápis, quando muito com uma taboada, na escola de D. Chiquinha, quando nós iremos ao Grupo ou teremos em casa o professor particular — limitação que se agravará depois, quando voltarmos da capital com anel de doutor. Então, a cunhã-irmã terá riso, enfiada em si mesma, porque não saberá bem como tratar-nos. Mas, já a essa época, como diria o contundente e lírico Henry Muller, teremos perdido a pureza das coisas.

E a outra cunhã é aquela (ou essa mesma) que queimou as asas de anjo, por imperativo social ou por fidelidade, de origem, à vertigem dos sentidos. E, num como noutro caso, credoras do nosso perdão, porque, em qualquer hipótese, por origem ainda, serão as que se deram sem atentar bem para as dores da carne. E essa é, na essência, a mensagem do livro, a mensagem imanente, submersa, quando não evidente. Essa dor, por assim dizer, quase que ainda ressalva um sentido de virgindade, que, se não será a da virgindade moral de Iracema, quando Alencar a chamou de virgem, mesmo depois de dar à luz Moacir, será, pela dor, aquela outra a que se referem os versos de Mário de Andrade, quando fala do sacrifício e da compreensão cúmplice das mães, e conclama:

*“Oh, virgens! perdi-vos para terdes direito  
a essa virgindade que só as mães têm.”*

Milton Dias ocupa a Cadeira nº 4, de que é Patrono Antônio Bezerra, e preenche a vaga deixada por Filgueiras Lima. Sobre a personalidade de ambos falará decerto o novo Acadêmico. Não poderemos, entretanto, deixar de ressaltar brevemente a fecunda e valiosa atuação de Antônio Bezerra no trato daqueles problemas que de perto dizem com a nossa terra, que ele muito amou e projetou, nem esquecido ficaria

o belo e delicado espírito de Filgueiras Lima, amante igual deste chão e desta gente, cuja memória neste instante reverenciamos.

Milton Dias: o mal de não sermos ordenados faz com que só agora digamos do nosso reconhecimento e da nossa emoção pelo convite feito para que aqui o recebêssemos. Devo levar o seu gesto à conta da admiração incondicional que lhe dedico e da sincera estima em que o tenho.

Não recebemos aqui apenas o escritor de méritos, que já agora, merecidamente, se situa no plano nacional, senão também o professor universitário, como integrante que é do quadro docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Ceará, na cátedra de Francês. Mestre autorizado da língua e literatura francesas — por assim dizer, intérprete obrigatório e oficial de todo ilustre gaulês que chega às terras do Ceará.

Já que aludimos à literatura francesa, vem a propósito recordar uma passagem sobre Molière, que, como sabemos, não pertenceu à Academia Francesa de Letras, fundada em 1634 por Richelieu. O seu duplo gênio de autor e ator, à semelhança de um Shakespeare ou de um Gil Vicente, e a preocupação única com o êxito popular de sua arte, decerto, o afastaram de pretensões acadêmicas. Morto, entretanto, o admirável criador de Tartufo, os acadêmicos franceses mandaram erigir-lhe uma estátua, na qual deixaram a seguinte inscrição:

*“Nada faltou à sua glória,  
mas ele faltou à nossa.”*

Não será o caso de se falar aqui em glória, cujas ressonâncias nos parecem excessivas. Mas ainda bem que você, Milton, não faltou ao nosso convívio.